

O Tecido do Outono

José Sarney

Das amizades que tenho com escritores portugueses, a mais antiga e mais estreita é a que me une a Antonio Alçada Baptista. Por ele tenho aquela afeição que aumenta mais que o sabor de vinho velho. Não é só o amigo; é o escritor, que me fez seu amigo. Tenho ciúme do Antonio Calçada, e quando vejo o quanto é imensa a sua legião de amigos e admiradores brasileiros, a maior que se tem pela inteligência portuguesa, peço que se estabeleça uma lei de prioridades e graduações, e aí não invoco o argumento da antigüidade, mas o maior de todos, que é o do leitor.

Descobri Alçada Baptista pelas mãos de Odylo Costa, filho, que me proporcionou mais esse privilégio. Era o homem da *Peregrinação Interior*. Ninguém, no meu entendimento, confere mais leveza à nossa língua, sabe o exato momento de fazê-la descontrair-se, no humor e na descoberta do tempo, do que Alçada Baptista.

Ao longo da vida, e lá se vão mais de trinta anos, o homem generoso, a criatura humana e o grande escritor somente utilizaram o tempo como pretexto para ser melhores. Quando pensava que já se ia esgotar o vinho velho, no próprio consumir das horas, chega *Pesca à Linha* e eis o Alçada dos verdes anos, o mesmo, no vigor e na beleza do texto, como agora com *O Tecido do Outono*. Para ele, o melhor não é o tema, mas a maneira como trabalha o idioma. Alçada é um dos poucos amantes da língua portuguesa que lhe descobriu a sensibilidade e os segredos e sabe fazer-lhe as carícias a que ela se entrega aos eleitos.

O Tecido do Outono é um livro do escritor que está naquela situação dos velhos descobridores de portos, navegantes eternos, que nunca erram. Tudo dele é bom, é o melhor.

Neste seu novo livro, o tema central é a solidão, que se cristaliza, na sedimentação do tempo, como as estações do ano. *O Tecido do Outono* lembra a mudança das cores, a descoberta de novos tons, não para renovar-se, mas para justamente cair como as folhas que irão renascer depois do inverno e na primavera. O tema de Deus, a angústia existencial, que sempre fez parte da obra de Alçada Baptista, agora não se ocupa da existência, mas da essência, o Deus repressor ou o Deus que assegura a liberdade de existir, de buscar caminhos, de optar pelos gostos, de desfrutar da potencialidade dos sentimentos, da alma e do corpo.

Bárbara, a personagem feminina, aceita o amor de Filipe — homem da burguesia de província, católico, que viveu com “estes valores”, sem nenhuma audácia, sem o questionamento dos estereótipos. Ela é um símbolo desse direito de existir, que contrasta com Matilde, esposa de Filipe. Nessa trama, a angústia de todos é a da necessidade de libertação das convenções impostas por uma sociedade de estigmas e condutas, muitas delas com a convivência da criação de um Deus que lhe dita normas, vigilante e vingativo.

Nesse universo de paixões que vão do destino de cada um à teia da vida, Alçada Baptista unifica o tema da solidão, a frustração final de todas as existências.

Escrever é uma compulsão. A ficção é sempre uma tentativa de tornar real um mundo imaginário e eternizá-lo. Difícil a teia da trama, a fabulação. Mais difíceis, os retratos da alma. É justamente nesse terreno que Alçada Baptista se renova para nos oferecer um livro que nos prende da primeira à última página, dando-nos prazer, fazendo-nos pensar. Eis o desafio de um grande escritor: coser as palavras na construção de uma obra de arte como *O Tecido do Outono*.

■ (*O Tecido do Outono*, romance português do escritor Alçada Baptista, Editora Presença — Lisboa — 1999 - 4ª edição)

■ José Sarney, ex-presidente da República, é senador